OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 869

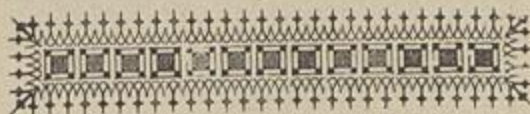
20 DE FEVEREIRO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONSELHEIRO JULIO DE VILHENA
PRESIDENTE DO CONGRESSO MARITIMO NACIONAL

CHRONICA OCCIDENTAL

Grande alvoroço na arcada e corredores das camaras n'estes ultimos dias. Ferviam perguntas de curiosos e interessados; os de maior imaginação phantasiavam as mais disparatadas respostas.

Apanhavam-se noticias por aqui, iam-se espalhar por acolá. Os amadores de politica voavam de grupo em grupo, e abas havia de sobrecasacas que pareciam azas.

— Sai o Mattoso é certo, visto a attitude da maioria. — Então cai o ministerio. — E o Vargas? — Que se diz do ministro da justiça? — O Hintze foi ao paço pedir a demissão collectiva. — A que horas acabou a conferencia?

Até que emfim tiveram de que falar, que já tinham as goelas seccas de tão prolongado silencio.

Perante noticias de tamanho interesse, tudo mais esmoreceu. Que importavam segundas paginas de jornaes, telegrammas do estrangeiro, variadas noticias dos dramas que vão por essas ruas ou se passam em aldeolas de provincia?

Grandes luctas entre potencias, grandes escandalos europeus, quem se importava com isso?

Quem leu noticias de Marrocos ou da Macedonia? Que se importou estes dias Lisboa com o sultão e o pretendente, a Turquia e os movimentos da Bulgaria? Venezuela está lá muito longe e o Acre fica muito para o interior do Brazil. Ninguem falou n'isso; o assumpto era outro, que a todos interessava.

Nem mais se falou de M.me Humbert nem da princeza da Saxonia. Ellas lá se arranjarão; que temos nós com isso? Das poucas vergonhas já nada interessava. Nem os milhões do cofre, e eram milhões, nem a historia da princeza e do sr. Giron, e era um romance, nada soube esbogalhar um olho curioso, nada soube sensibilisar um coração romantico.

A grande novidade é esta: o ministerio escorrega, o ministerio tremelhica, o ministerio cai! Estes boatos é que endoidecem metade de Lisboa que vive no Terreiro do Paço e obram milagres pasmosos: os cegos vêem, os surdos ouvem, os paralyticos saltam das cadeiras e põem-se a galgar as escadas.

No meio d'isto, ouve-se tudo o que ha de mais extranho.

— O Mattoso cahiu! diz um.

— Um ministro não cai, responde outro. Ponha-lhe uma cedilha. Um ministro *çai!*

Ora o que se affirmava era que pelo desacordo em que a maioria se mostrára com as propostas do sr. ministro da fazenda, este vira-se obrigado a pedir a sua demissão; que o acompanhariam o sr. Vargas e muito provavelmente o sr. Campos Henriques, que estão cançados. N'estas circums-

CONGRESSO MARITIMO NACIONAL — SESSÃO NA SALA «PORTUGAL» DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

tancias, sendo difficil ao sr. Hintze Ribeiro encontrar agora quem os substituisse, e não sendo até provavel que o sr. D. Carlos lhe concedesse mais uma recomposição, o gabinete pediria a sua demissão immediatamente.

Isto se dizia e muito mais se continuaria dizendo se de repente não surgisse uma voz clamando: «O ministerio não cai senão para março do anno que vem!»

Então uns socegaram, outros correram ainda muito mais. Foi a girandola final, e tudo voltou aos seus antigos eixos, continuando o sr Mattoso nos dois ministerios da fazenda e dos estrangeiros.

Continua, é certo, a ver-se um ponto de interrogação luzindo nas trevas, mas quando se lhe responderá, é outro.

Tudo isto foi discutido, commentado, exposto em longos artigos e discursos e tudo se fez placidamente ás esquinas de cavaco mais conhecidas, sem uma interrupção extranha nas coleras mais ou menos sinceras de todos os facciosos regeneradores e progressistas.

D'antes, por estes tempos, já era em todas essas ruas uma confusão medonha e não havia maneira de gosar dois dedos de conversa, que não viesse mão-cheia de tremoços d'um lado, bisnagada do outro, quicada d'aqui, caqueirada d'acolá. Eram mascaras a passar: «Bem te conheço!» eram meninas com espelhinhos; eram os chéchés a pedir esmola; eram os penachos lá dos quartos andares, um inferno!

O entrudo civilisado teve isto de excellente: deixou os politicos fazerem seus commentarios á vontade todos estes dias, e com elles deixou socegada toda a mais gente. Não ha senão bem a dizer de quantos se metteram n'isso.

O que será depois é que por ora não sabemos. Os programmas não são maus; resta saber se haverá espirito sufficiente para cumpril-os, sem que por exemplo a batalha de flores se assimelhe a um cortejo presidido pelo velho Lagoia das emprezas funebres.

Entretanto de muitos divertimentos já annunciados para estes proximos dias, para alguns já se pode prever o maior dos exitos; por exemplo: as festas das crianças.

Além de bailes publicos, que lhes são preparados, fala se muito, com o maior contentamento dos pequenos, em dois bailes que forçosamente serão esplendidas festas: um em casa da sr.ª Marqueza de Castello Melhor, outro em casa da sr.ª Duqueza de Palmella.

Ahi sim, reinará a alegria, tão postiça ás vezes nos outros, os da gente grande, tanto de entristecer nos bailes publicos, onde o unico prazer d'um homem é achar-se fóra d'elle.

Que será o entrudo nas ruas não é facil prevel-o. Depende muito do melhor ou peor effeito das mascaradas que se preparam. D'algumas já os jornaes appareceram falando; outras apparecerão talvez, das quaes menos se fala por emquanto, e despertarão curiosidade.

Graça nunca o entrudo teve ou muito pouca; o que do velho entrudo se perdeu com os novos editaes não deixa saudades a ninguem que tenha um bocadinho de gosto.

Preparam se os theatros para ter mais alguem e todos, mais ou menos, põem n'esta occasião de parte as raras ambições que ás vezes lhes dão de trabalhar um bocadinho pela arte.

O theatro de S. Carlos é que andou agora de vencida por tres modos chamando a attenção: a opera *Germania*, a estreia d'um tenor de primeira ordem, a estreia d'um barytono portuguez que boa fama criou nos theatros estrangeiros.

E' o que de representações theatraes houve de maior novidade.

Na sala da Associação dos Jornalistas realisou o sr. Consiglieri Pedroso a sua segunda conferencia sobre a litteratura scandinava, em que nos falou da Suecia e dos escriptores da Finlandia que na lingua sueca escrevem. Applaudidissimo como já o fôra quando tratou da litteratura dinamarqueza, prometteu-nos o illustre professor que na proxima reunião nos falaria dos homens de letras de Noruega, o que nos annuncia uma excellente prelecção sobre o seu theatro, sobre Ibsen e Bjorson, escriptores que hoje tão alto logar occupam e tão discutidos são e que só cada um d'elles no outro pode encontrar seu rival.

Isto é raro em Lisboa, conferencias sobre arte. O lisboeta não se preoccupa muito com isso e, a não ser em S. Carlos onde assume ares de entendido, até faz gala em mostrar desprezo por quanto diga respeito a artes, sciencias e historia. Maior elogio merece o sr. Consiglieri.

O que dizemos do lisboeta poderiamos dizel-o do portuguez e bastaria para proval-o uma rapida visita por essa provincia, onde obras d'arte maravilhosas, monumentos historicos que deveriam merecer religioso respeito, se encontram completamente abandonados uns, outros mutilados barbaramente.

O sr. dr. Alberto de Carvalho, não querendo que pesasse sobre a republica brazileira de que é filho, a mesma accusação de indifferença, propoz dar a Pedro Alvares Cabral, jazigo condigno de seu grande nome. O tumulo do descobridor do Brazil estava tão abandonado de cuidados n'uma egreja de Santarem, que era vergonha mostral-o. Sob a mesma campa estão ossos de diversos. Foram alguns professores da Escola medica encarregados de completar, tanto quanto lhes fôr possivel, o esqueleto do grande homem.

Vai-se acordando devagarinho, mas tão devagarinho, que é de temer só muito tarde, quando tudo fôr perdido, acordemos de todo.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONSELHEIRO JULIO DE VILHENA

Deve-se á brilhante iniciativa da Liga Naval Portugueza, sob a presidencia do sr. conselheiro Julio Marques de Vilhena, a realisação do congresso maritimo, que deixa nos seus trabalhos affirmadas as necessidades de se olhar a serio para as cousas da nossa marinha e cuidar do seu resurgimento como nação colonial que somos.

De ha muito que o sr. conselheiro Julio de Vilhena trabalha na cruzada benemerita de regenerar as nossas colonias, e devem-se-lhe incontestaveis trabalhos no sentido de reformar os nossos processos de administração colonial.

Fazendo parte de dois ministerios regenerado res como ministro da marinha em 1881, o primeiro presidido por Antonio Rodrigues Sampaio e o segundo por Fontes Pereira de Mello, toda a sua attenção convergiu na forma pratica de desenvolver a nossa acção na Africa.

Foi desde então que os governos portuguezes se habituaram a trazer ao parlamento leis no sentido de colonisar as nossas possessões de além-mar, procurando valorisar e tornar util ao paiz o que até ali não deixara de ser um esgotamento das suas forças e uma absorpção d'uma grande parte da receita do Estado.

Fóra do governo o sr. conselheiro Julio de Vilhena continuou com a mesma tenacidade a sua obra meritoria, e os trabalhos da Liga Naval sob a sua illustrada e douta direcção, demonstram, com a maior das evidencias, que essa collectividade é, hoje já, um dos bellos esteios do paiz na causa da nossa regeneração africana.

Sob o ponto de vista internacional a Liga achase filiada na Associação Internacional da Marinha, tornando-se intermediaria das suas relações com o nosso paiz, e directamente com as associações navaes de todo o mundo, pondo Portugal em collaboração com os povos mais avançados, na solução dos problemas internacionaes de maior importancia para a marinha.

A Liga Naval Portugueza promoverá um Congresso Maritimo Internacional em Lisboa, que deve realisar-se na Paschoa de 1904, para se occupar do grandioso problema da união maritima internacional, segundo as resoluções do que ultimamente se fez em Copenhague.

CONGRESSO MARITIMO NACIONAL

Na sala «Portugal» da Sociedade de Geographia foi inaugurado, no dia 2 do corrente, o primeiro congresso maritimo nacional, com a assistencia de SS. MM. el-rei e a rainha, e S. A. o sr. infante D. Affonso, todo o ministerio á excepção do sr. ministro da guerra, os representantes diplomaticos de todas as nações extrangeiras, o sr. conego Botto, representando o cabido da Sé Patriarchal, etc.

Foram quatro as sessões d'este congresso, promovido pela Liga Naval, e todas ellas concorridissimas, vendo-se entre um grande numero de representantes das differentes classes sociaes, os que officialmente affirmavam a presença dos districtos administrativos do reino, e em maior numero os representantes do Porto, Vianna e Faro, certamente porque á sua condição de portos maritimos, mais interessavam os assumptos d'este importante congresso.

Os trabalhos foram divididos pela seguinte fórma:

1.ª SESSÃO. — PESCARIAS

1.º Ensino profissional das pescas e a educação das populações maritimas

2.º Protecção aos pescadores

3.º Progressos a introduzir na pescaria da costa. Como convém oriental-a para não despovoar as aguas nacionaes

4.º Organisação dos serviços publicos que interessam á marinha mercante e ás pescarias nacionaes.

2.ª SESSÃO. — MARINHA MERCANTE

1.º A marinha mercante como funcção do desenvolvimento commercial

2.º Protecção do Estado á construcção naval, e ao armamento maritimo nacional

3.º Educação do pessoal da marinha mercante

4.º Pescarias longiquas. A pesca do bacalhau.

3.ª SESSÃO. — MARINHA MERCANTE

1.º Melhoramento dos portos nacionaes

2.º Protecção ao pessoal da marinha mercante. Sua utilisação para a constituição d'uma reserva naval

3.º Navegação para as colonias

4.º A navegação nacional para o Brazil, os Açores e a America do Norte.

4.ª SESSÃO. — LIGA NAVAL

Marinha de guerra.—Yachting

1.º Programma dos trabalhos da Liga Naval

2.º A marinha colonial. Bases para a sua organisação independente da marinha da metropole.

3.º A marinha de guerra. Quaes os seus objectivos e methodo a seguir na sua realisação.

4.º Impulsionamento do *Yachting* nacional. Sua utilisação possivel na organisação da reserva naval

5.º Impulsionamento do *rowing* nacional. Sua utilisação possivel na educação physica do povo portuguez.

As sessões foram presididas respectivamente pelos srs.:

Eduardo Ferreira Pinto Basto, contra-almirante Rio de Carvalho, conselheiro Eduardo Villaça e conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral.

Na discussão tomaram parte não só os relatores das theses propostas, mas tambem os srs. Marinha de Campos, Henrique de Mendonça, Frederico Ramires, Quirino da Fonseca, Pereira de Mattos, Soares Guedes, Almeida d'Eça, Braz d'Oliveira, Domingos Euzebio da Fonseca, Adelino de Sousa, dr. João Lucio, Antonio Lomba, Mello e Mattos, Simões d'Almeida, Marcos Vieira da Silva, Oliveira Leone, Antonio Vieira, Furtado de Mendonça, Guilherme Vidal Junior, Alfredo de Brito, Bernardino Vareta, Eduardo Lopes, José Maria Pereira, Ferrugento Gonçalves, Marques de Freitas, Alberto Girard, Botelho da Costa, Cordeiro de Sousa, Fernando de Sousa, Roldan e Faustino Gavicho.

As conclusões do congresso foram as seguintes:

1.º — Na negociação do tratado de commercio e navegação com Hespanha, em substituição do actual, é indispensavel que sejam cuidadosamente attendidos os direitos e os interesses portuguezes em relação ao exercicio das pescas em geral, e muito especialmente no que respeita a uma nova delimitação das aguas territoriaes limitrophes, a qual deve ser feita nos termos das normas geralmente admittidas do Direito Internacional e do julgamento das infracções aos preceitos que forem inseridos no mesmo tratado, o qual deve ser feito pelas auctoridades em cujas aguas essas infracções sejam commettidas.

2.º—A fiscalização das pescas maritimas em todo o reino carece de ser devidamente ampliada para que ella realmente se torne official.

3.º—E' absolutamente necessario e urgente que se faça um estudo minucioso do exercicio das pescas intensivas, para d'esse estudo concluir as providencias necessarias para remediar o despovoamento das aguas e attender á questão economica e social.

4.º—E' necessario que sejam revistos os regulamentos da pesca em armações fixas, de modo a promover e salvaguardar os interesses reciprocos do exercicio simultaneo dos aparelhos de especies diversas.

5.º—E' necessario fazer propaganda activa para

tornar conhecidos e acreditados no estrangeiro os productos das pescas nacionaes, muito especialmente as conservas.

6.º—E' necessario e urgente que se proceda á elaboraçao das cartas de pesca.

7.º—E' indispensavel a diffusão do ensino primario por modo que elle seja realmente ministrado em todas as povoações maritimas, ainda as de menor população.

8.º—E' indispensavel que se comece quanto antes a organisar o ensino technico das pescas.

9.º—E' indispensavel e urgente que os portos de pesca sejam dotados com as condições que em alguns d'elles faltam por completo e principalmente molhes de abrigo, luzes de porto e signaes sonoros, sendo urgentissimo que se collo quem e façam funccionar os apparelhos de ha muito adquiridos e que existem armazenados.

10.º—E' indispensavel que os papeis de bordo para os barcos de pesca costeira sejam reduzidos a um só documento passado por uma só auctoridade.

11.º—E' da maior conveniencia que seja estabelecido em local conveniente um posto de piscifactura para o repovoamento das aguas salobras.

12.º—E' indispensavel que os portos de pesca sejam dotados com os meios de communicação e de transportes que facilitem a rapida saida da pescaria; n'este sentido muito podem fazer as administrações dos caminhos de ferro e d'outros systemas de viação.

13.º—E' da maxima conveniencia que se organize o serviço de boletins de pesca, indicando as quantidades, qualidades e preço da pescaria entrada em cada dia nos differentes portos, devendo esses boletins ser distribuidos telegraphicamente pelos mercados, camaras de commercio, negociantes, etc.

14.º—O serviço de soccorros a naufragos, muito melhorado nos ultimos tempos, merece todo o auxilio e protecção para poder attingir o maior grau indispensavel em tão humanitario assumpto.

15.º—E' muito para desejar que a administração de todos os serviços relativos ao uso do mar pelas diversas industrias seja concentrada n'uma Direcção Geral, especialmente destinada a esses serviços a qual poderia denominar-se—Direcção Geral de Marinha Mercante.

16.º—Creada a Direcção Geral de Marinha Mercante, ou ainda mesmo na deficiente organisação actual, é muito para desejar que junto da administração superior se conceda a justa representação de todos os interesses das industrias do mar, quando ellas se constituam em corporações legalmente habilitadas, sendo tambem essa representação concedida á Liga Naval Portugueza, como agremiação de todos os elementos nacionaes interessados nas referidas industrias.

17.º—A administração superior de todos os serviços maritimos e navaes deve constituir uma secretaria de Estado independente de qualquer outra e separada da do Ultramar.

18.º—A Liga Naval Portugueza deve empregar os meios necessarios para conseguir pelas suas juntas locaes que sejam installadas escolas regionaes, procurando para isso obter o concurso do Estado, das municipalidades, das auctoridades maritimas e de outras entidades interessadas no assumpto.

19.º—A Liga Naval Portugueza deve procurar promover pelos seus conselhos e juntas locaes a formação de associações cooperativas e de soccorro mutuo entre os individuos que se dedicam á industria da pesca, bem como o desenvolvimento e modificação no sentido das necessidades actuaes dos antigos compromissos.

20.º—A Liga Naval Portugueza deve empregar os necessarios esforços no sentido de se melhorarem os typos das embarcações de pesca e a sua construcção e de se implantar entre nós o seguro mutuo para as embarcações e aparelhos de pesca.

21.º—Na negociação dos futuros tratados de commercio devem ser cuidadosamente promovidos e acautelados os interesses da marinha mercante nacional, sendo esta necessidade muito especialmente urgente no tratado de commercio com o Brazil.

22.º—E' indispensavel que seja revista, refundida e simplificada toda a nossa legislação maritima, unificando-a com novas disposições protectoras numa lei geral de marinha mercante, á semelhança do que se fez em Inglaterra com o Marchant Shiping Act, de 1894.

23.º—E' indispensavel e urgente remodelar o systema de tributação da navegação mercante nacional, estabelecendo um tratamento protector em favor d'essa marinha mercante, em bases analogas ás adoptadas nas marinhas do norte da Europa e reservando absolutamente para a navegação nacional o serviço de cabotagem.

24.º—E' muito para desejar que seja estudada e posta em pratica uma nova lei de protecção á construcção naval nacional, na medida de iniciativa util do constructor. Neste intuito devem ser isentos de pagamento de qualquer direito de importação todos os materiaes e utensilios de armamento e construcção, destinados a construcções navaes, quando esses artigos se não fabriquem no paiz em condições convenientes.

25.º—Deve ser estimulada e favorecida por todos os meios a associação de capitães interessados na navegação, pois é pelo espirito de união e iniciativa e pelas energias e aptidões praticas postas ao serviço de uma idéa, que se tem creado e robustecido as marinhas mercantes estrangeiras.

26.º—E' indispensavel e urgente remodelar o ensino e habilitação dos officiaes da marinha mercante, pois a legislação vigente está muito longe de satisfazer ás necessidades d'esses profissionaes. Nessa remodelação muito conviria adoptar o systema das cartas progressivas que se acha em vigor nos principaes paizes da Europa, sem immobilizar em terra o pessoal por largo espaço de tempo.

27.º—As associações commerciaes e companhias de navegação, bem como a Liga Naval Portugueza, devem ter a faculdade de instruir o pessoal de marinha mercante, mediante regulamentos approvados pelo governo, devendo essa instrucção ser essencialmente pratica e ministrada nos navios de vela, e devendo-se dar garantias especiaes aos armadores que admittam nos seus navios em condições convenientes um certo numero de praticantes.

28.º—E' absolutamente indispensavel e urgente a creação d'um curso para machinistas mercantes; a frequencia d'este curso deve ser compativel com o exercicio da profissão dos alumnos; findo elle devem os alumnos poder tirocinar a bordo dos vapores mercantes nacionaes, para em seguida poderem obter a 1.ª carta de machinista mercante, havendo alem d'este mais dois graus n'esta classe.

29.º—Deve ser livre de direitos a importação de todos os artigos necessarios ao armamento e equipamento das embarcações destinadas ás pescas longinquas, e em especial á do bacalhau.

30.º—E' da maior conveniencia promover e auxiliar a pesca por nacionaes, e especialmente pelos maritimos da Madeira e de Cabo Verde, no grande banco entre o Cabo Bojador e o Cabo Branco, onde a abundancia de peixe é extraordinaria.

31.º—E' para desejar que a Liga Naval Portugueza installe o mais depressa possivel na séde do seu conselho geral, uma escola de habilitação para officiaes de marinha mercante, sendo esta creação ampliada, quando seja possivel, ás sédes dos conselhos regionaes e juntas locaes.

32.º—A Liga Naval Portugueza deverá completar o inquerito já começado sobre a pesca do bacalhau, procurando obter informações especiaes da Terra Nova e do Canadá, principalmente sobre os processos da secca do peixe; na séde do conselho geral convirá que seja estabelecida uma exposição permanente dos aparelhos empregados na pesca do bacalhau; e no gabinete de consulta nautica convirá que seja dado todo o desenvolvimento á secção relativa ao banco da Terra Nova.

33.º—E' absolutamente indispensavel que todas as barras actuaes do rio Guadiana e outras que porventura venham a formar-se, sejam consideradas barras internacionaes d'aquelle rio e por isso de uso commum aos dois estados limitrophes.

34.º—E' indispensavel que nos portos nacionaes sejam estudados os canaes da barra e de accesso aos fundeadouros e docas, e bem assim entre estas e aquelles, afim de verificar quaes são os que mais convem aproveitar para a navegação, e quaes as profundidades maximas que se podem obter em harmonia com as suas condições naturaes; procedendo-se em seguida á desobstrucção successiva d'estes canaes, fundeadouros e docas, difinindo para cada porto a lotação maxima dos navios que o podem frequentar.

35.º—E' indispensavel e urgente que nos portos do continente do reino seja organisado um serviço permanente de dragagens, de maneira que os canaes de barra e que dão accesso aos fundeadouros e docas, e bem assim estes locaes, conservem quanto possivel as profundidades necessarias para o maximo calado d'agua dos navios que os podem frequentar.

36.º—E' urgente a adapção do porto de Leixões a porto commercial.

37.º—E' indispensavel que se estude a creação de um porto de abrigo na bahia de Lagos.

38.º—Todos os portos nacionaes devem ser estudados sob o ponto de vista das suas funcções economicas, afim de se poder assentar, em relação a cada um d'elles, no plano dos melhoramentos que convenha realizar para o tornar apto a servir convenientemente a navegação, o commercio ou a industria de pesca.

39.º—E' indispensavel e urgente que se estude a mais conveniente organisação a dar á administração dos nossos portos de commercio, de modo a conseguir-se a execução das obras de melhoramentos e sua conveniente exploração.

40.º—Na exploração dos nossos portos devem desde já simplificar-se e reduzir-se ao indispensavel as exigencias administrativas, aduaneiras e fiscaes, que hoje difficultam o movimento de passageiros e o trafego das mercadorias.

41.º—E' indispensavel que se estudem os melhoramentos dos nossos rios navegaveis de modo a poder desenvolver-se n'elles a navegação interior, em condições de bem satisfazer á sua missão auxiliar e complementar de navegação maritima.

42.º—Deve proseguir-se com a maior actividade na execução do plano geral da illuminação e balisagem das costas.

43.º—E' absolutamente indispensavel e urgente que desde já seja mandado montar e funccionar o pharol da costa do Cabo de S. Vicente, que, depois de ser elogiado na exposição universal de Paris de 1900, se acha armazenado na localidade.

44.º—O 1.º congresso maritimo nacional congratula-se com a apresentação ao parlamento do projecto de lei sobre o estabelecimento da navegação nacional para a Africa Oriental, o qual vem realizar uma das maiores aspirações, exprimindo o voto de que esta providencia seja completada com o estabelecimento da navegação nacional para as possessões do Oriente.

45.º—Para complemento da navegação colonial é indispensavel promover o estabelecimento de serviços de navegação costeira e fluvial nas provincias ultramarinas.

46.º—Na remodelação do ensino dos officiaes e machinistas da marinha mercante deve attender-se a constituição de uma reserva naval com este pessoal, estabelecendo-se os preceitos apropriados para o regimen d'esta instituição em harmonia com a legislação da marinha de guerra.

47.º—E' conveniente melhorar os serviços da navegação nacional para os Açores e Madeira, augmentando a velocidade dos navios e melhorando as suas installações internas.

48.º—E' conveniente organisar um serviço regular de navegação nacional para os Estados Unidos da America do Norte, desenvolvendo-se o que já existe actualmente.

49.º—E' absolutamente indispensavel e da maxima urgencia, como um dos mais poderosos meios, tanto para o desenvolvimento da marinha mercante nacional, como para o estreitamento das relações entre dois povos irmãos e satisfação dos justos e valiosissimos interesses da colonia portugueza na America do Sul, que seja estabelecido um serviço nacional de navegação para o Brazil, por paquetes de boa marcha, devendo ser concedidos os subsidios necessarios para o estabelecimento d'esse serviço.

50.º—A Liga Naval Portugueza deve completar os trabalhos já iniciados para a creação d'uma caixa de pensões, para o auxilio dos marinheiros impossibilitados do trabalho.

51.º—E' indispensavel estabelecer um plano de constituição da marinha colonial, adaptando-se nos seus lineamentos as exigencias dos serviços de fiscalisação, policia e transportes das costas e rios das provincias ultramarinas.

52.º—Tendo-se em attenção a nossa situação geographica na Europa, os conflictos que d'ella podem derivar, a conveniencia de uma boa alliança, a necessidade da nossa representação naval no Brazil, nos mares da China e n'outras paragens e a defeza dos Açores, da Madeira e das provincias ultramarinas, é necessario que se formule um plano de organisação da marinha de guerra, segundo o qual de futuro se construam todos os navios, tendo apenas as modificações que a sciencia e a arte naval vieram aconselhar.

53.º—Deve manter-se permanentemente a esquadra de evoluções, de modo que a instrucção profissional, não sendo interrompida, se unifique, que se radique a disciplina, e se aperfeiçoem as praticas de serviço de bordo; d'esta forma se desenvolverá a idéa que presidiu á creação da divisão naval de reserva.

54.º—Deve estudar-se a possibilidade e o modo de pedir ao paiz a somma precisa para a constituição da marinha de guerra n'um periodo não

Inauguração da Capella do Azylo da Ajuda

superior a 10 annos, sendo aquella somma unica e expressamente applicada a tal fim e tendo por isso escripturação especial.

55.º — E' da maior utilidade que se promova por todos os meios o desenvolvimento do sport nautico, sob os seus differentes aspectos, estudando se a fórma de o utilisar para a constituição de uma reserva naval, bem como para o progresso dos estudos oceanographicos.

56.º — Convém que a Liga Naval Portugueza installe junto dos seus conselhos e juntas locaes, secções de sport nautico, orientando convenientemente os seus esforços, para conseguir o progresso geral da marinha de recreio.

57.º — Convém que a Liga Naval reuna todos os elementos relativos ao pessoal tripulante das embarcações de recreio, promovendo a habilitação d'um pessoal e a sua collocação nos seus serviços do sport nautico.

Na ultima sessão do congresso o sr. Almeida d'Eça propoz votos de louvor, de agradecimento e de congratulação a SS. MM. el-rei e rainha, ao sr. infante D. Affonso, aos relatores das theses, aos auctores de outros trabalhos que foram apresentados no congresso, aos presidentes das mesas que dirigiram os trabalhos, á Sociedade de Geographia, aos commandantes dos navios de guerra que os congressistas visitaram, ao inspector do Arsenal de Marinha, á Parceria dos Vapores Lisbonenses, á imprensa do paiz, principalmente á de Lisboa, aos Congressistas etc.

O sr. conselheiro Julio Marques de Vilhena, presidente da Liga Naval organisadora do congresso, encerrou os trabalhos, como os havia iniciado, congratulando-se pelos brilhantes resultados obtidos.

JAYME ARTHUR DA COSTA PINTO — PROVEDOR DO AZYLO DA AJUDA

JULIO ERNESTO MOREIRA DA SILVA
THESOUREIRO

CONSELHEIRO ANTONIO DUARTE RAMADA CURTO
SECRETARIO

CAPELLA DO AZYLO D'AJUDA

Dando hoje as gravuras principaes da capella do Azylo da Ajuda, sito na Calçada da Tapada, segundo o projecto do habil architecto, o nosso particular amigo sr. Rozendo Carvalheira, temos ensejo de referir-nos a este estabelecimento de caridade, que entre os seus congeneres da capital occupa sem contestação, um dos primeiros logares.

O Azylo d'Ajuda data de 1856, foi instituido pelo saudoso monarcha El-Rei D. Pedro V, n'esse terrivel anno em que o flagello do cholera morbus assolava o paiz, sendo destinado para recolher muitas das creanças orfanadas e desvalidas que se viam pelas ruas andrajosas e famintas.

No seguinte anno outra epidemia não menos terrivel, a febre amarella, originou a repetição dos factos dolorosos e crueis do anno anterior, sendo novamente internados muitos orfãos n'aquella casa de caridade.

Foi n'esse anno que tão util instituição passou definitivamente a denominar-se *Azylo d'Ajuda — Sociedade protectora de orfãos desvalidos das victimas do cholera morbus em 1856, e da febre amarella em 1857*.

Desde então tem-se accentuado de anno para anno a acção benefica d'este azylo, que não se limita apenas a recolher na séde dezenas e dezenas de creanças para as educar e sustentar, mas tambem em subsidiar muitas outras que estão a cargo das familias.

O Azylo d'Ajuda representa um importante auxiliar para a beneficencia publica e é considerado um modelo, cabendo á actual commissão administrativa, que desde 1896 tem gerido esta benemerita casa de caridade, a gloria da prosperidade que elle actualmente disfructa, porquanto ao tomar posse a nova commissão, atravessava o azylo uma crise terrivel, crise a que era extranha a vontade das anteriores gerencias, sem duvida, mas que chegara ao seu periodo mais agudo.

Essa benemerita commissão, que apóz muita perseverança, muita força de vontade e por cima de tudo um inexcedivel zelo se tem elevado no conceito de todos como os verdadeiros sustentaculos d'aquelle benemerito instituto, é composta dos srs. Jayme Arthur da Costa Pinto, dr. An-

Inauguração da Capella do Azylo da Ajuda

FACHADA PRINCIPAL

ABSIDE

tonio Duarte Ramada Curto e Julio Ernesto Moreira da Silva.

Com a provedoria do sr. Costa Pinto cortaram-se os abusos existentes e reduziram-se as despezas para extinguir o enorme deficit que ameaçava anniquilar o azylo, a ponto de logo a primeira gerencia da commissão presidida por S. Ex.ª fechar com um saldo positivo de 1.570$643 réis.

De então até hoje as prosperidades do azylo tem sido progressivas, e d'ahi o periodo desaffogado em que hoje vive e que se accentuou d'uma forma digna de todo o louvor na festa ali realisada no dia 18 de janeiro, findo.

Percorrendo todas as dependencias do azylo não se póde deixar de sentir uma impressão agradabilissima com as condições do vasto e elegante edificio, onde a par d'uma modesta simplicidade se admira a mais rigorosa hygiene, sendo digna de especialisar a enfermaria, que obedece ás mais restrictas regras prophilacticas.

Á inauguração e benção da capella do azylo sob a invocação de «Ermida de Nossa Senhora do Paraizo» assistiu tudo que mais graduado temos no nosso meio social, devendo-se a existen-

INTERIOR — LADO DA CAPELLA-MÓR

INTERIOR — LADO DO CÔRO

cia d'esse interessante exemplar de architectura, parte á benevolencia e philantropia d'uma illustre senhora, que guarda sob o mais rigoroso incognito os seus actos de caridade, e parte á desinteressada cooperação dos srs. Rozendo Carvalheira, José Catalão, Cabral e outros, que foram os delineadores e executores da graciosa capella.

Rozendo Carvalheira é um dos novos que mais talento tem revelado, sendo já grande o numero de obras de valor que o tem laureado como architecto distincto e habil.

A' benção e missa na capella seguiu-se na grande sala das sessões do azylo a sessão solemne e a distribuição de premios ás alumnas.

Tomando o logar de presidente estava sua eminencia o sr. cardeal patriarcha, tendo á direita o sr. conde d'Avila, presidente da commissão administrativa do municipio, e á esquerda o sr. dr. Pereira e Cunha, governador civil do districto de Lisboa.

A sala estava replecta de senhoras e cavalheiros, tomando os demais convidados logar junto da mesa presidencial, coberta com uma colcha de seda bordada e sobre ella os premios destinados ás orfãs.

Ao usar da palavra, o digno provedor sr. Costa Pinto, agradeceu aos cavalheiros que compunham a presidencia e a todos que fizeram a distincção de assistir á festa do Azylo d'Ajuda.

«Recordou a fundação do estabelecimento de que é provedor, as locubrações de espirito que o seu desenvolvimento lhe tem custado, mas tudo dá por bem empregado; sentindo se satisfeito e compensado das suas fadigas com os resultados obtidos, e pedindo a todos que deem o seu obulo, embora pequeno, pois é um bom agouro para qualquer pessoa o inscrever-se como subscriptor d'aquella casa de caridade. A esmola é tão abençoada, que parece contribuir, para a felicidade do benemerito que subscreve; conhece muitos a quem tal tem succedido.

Disse aproveitar a occasião de vêr ali reunidos tres homens de incontestavel valor moral e politico do nosso paiz, para apresentar um alvitre, que muito desejava vêr realisado, e que assim poderá acontecer se o sr. cardeal patriarcha, o sr. governador civil e o sr. conde de Avila reunirem o melhor dos seus esforços.

Tem por fim esse alvitre a creação de sopas economicas ás creanças, em todas as freguezias, á semelhança do que se pratica na Associação Protectora das Creanças, na freguezia do Sacramento.

Lamentou a miseria que se alastra em Lisboa, e de que tantas creanças são victimas, por isso desejava para ellas a maior protecção.

Terminando, disse que a prosperidade do asylo era grande, mas que esta não representa a sua independencia, jámais precisando alargar os seus beneficios a maior numero de orfãs desvalidas; por isso pede a todos que se não esqueçam das orfasinhas.»

Depois de falarem outros oradores fez-se a distribuição dos premios, entoando em seguida as azyladas, em numero de desoito, um hymno, musica do illustre professor sr. Valladas, e letra do sr. Arthur Lucas Marinho da Silva.

LITTERATURA INFANTIL

Da adoravel litteratura que se dedica aos tenros cerebros infantis, e com a qual se deliciam os pequeninos seres, são incontestaveis mestres os famosos irmãos Guilherme e Jacob Grimm, philologos allemães, cujos bellos *Contos de Creanças*, publicados de 1812 a 1814 constituem ainda hoje a mais encantadora producção litteraria do genero. São pouco conhecidas entre nós as joias d'estes contistas. O pequeno conto que se segue é a traducção portugueza de uma d'essas singelas narrativas infantis; deve-se elle, como muitos outros, ao sr. Henrique Marques Junior o qual já brindou a litteratura portugueza com tres voluminhos elegantissimos e attrahentes os *Contos de fadas* de Perrault, os *Novos contos de fadas* e ainda um *Terceiro livro de contos de fadas*, nos quaes as bellezas dos originaes de Charles Perrault e dos irmãos Grimm, vertidos n'uma singela linguagem como convem a este genero de composições, veem lindamente illustrados por desenhos de Roque Gameiro e prefaciadas pelo nosso erudito homem de lettras sr. dr. Sousa Viterbo.

Com o pequeno conto *O avô e o neto*, de Grimm, mimoseamos hoje os leitores, como amostra litteraria da collaboração estimavel do sr. Henrique Marques Junior.

O AVÔ E O NETO

(Dos *Irmãos Grimm*)

Existiu ha muitos annos um velho, tão vélhinho como o mundo. Estava quasi cégo, surdo e as suas pernas tremiam como varas verdes. Um dia, em que estava á mêsa a jantar, a mão, que sustinha a colher, fraquejou lhe e entornou a sopa na toalha.

O filho e a nóra zangaram-se muito com o infeliz e condemnaram n'o a comer sósinho ao canto da chaminé n'um prato pequeno de barro. Olhava o ancião de momento a momento para a mêsa e os seus olhos arrazavam-se-lhe de lagrimas; passados dias o prato caiu-lhe das debeis mãos e partiu-se.

As duas perversas creaturas zangaram-se deveras com o pobre tropego que soltou um suspiro d'angustia. Passada a tempestade deram-lhe, como prato, uma escudella de madeira.

Ora, uma tarde em que estavam á mêsa ceando, emquanto o provecto homem comia a um canto, viram que o filho, que apenas contava quatro annos, assimilava madeira com o feitio d'uma escudella.

—Que estás tu a fazer? lhe perguntaram.

—Uma escudellasinha — respondeu a bondosa creança — para o papá e a mamã se servirem d'ella para comer quando eu me casar!...

O marido e a mulher entreolharam-se mudos, com as lagrimas a cairem em fio e deram ao vélhinho um logar á mêsa, logar d'onde não saiu até os seus derradeiros dias

(*Trad.*)

XXVII–I–CMIII

Henrique Marques Junior.

A natureza e seus phenomenos

(Continuado do n.º 863)

I

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

VIII — INERCIA

Os instrumentos que transmittem a acção das forças são as *machinas*.

Nas machinas, temos que distinguir duas especies de forças: a força *motora* ou *potencia* e a *resistencia*.

A *potencia* é a força applicada á machina para produzir um dado effeito.

A *resistencia* é a força que se oppõe ao movimento e que deve ser vencida pela primeira.

A machina mais simples é a *alavanca*

Alavanca é uma barra, susceptivel de se mover em torno de um ponto fixo (ponto d'appoio) que a divide em dois braços

A balança é uma alavanca na qual o *ponto de appoio* está entre a *potencia* e a *resistencia*. A *potencia* é o peso conhecido que serve de comparação ao pezo que pretendemos conhecer. A *resistencia* e o pezo que pretendemos conhecer. Esta especie de alavanca denomina-se *inter-fixa* porque o *ponto de appoio* está entre a *potencia* e a *resistencia*.

No quebra noz, a *resistencia* está no ponto onde se encontra a noz, o *ponto de appoio*, na parte do instrumento onde appoiamos a força, e a *potencia*, no outro ramo do quêbra-noz. Esta especie de alavanca, denomina-se *inter-resistente*, visto que a resistencia está entre o ponto de appoio e a potencia.

No *pedal dos amoladores*, a potencia está entre a resistencia e o ponto de appoio. Esta especie de alavanca, denomina-se *inter potente*.

Além da alavanca, citaremos ainda como exemplo de machinas simples isto é, aquellas em que a *potencia* e a *resistencia* actuam directamente sobre o mesmo corpo, ou em dois corpos differentes actuando um sobre o outro, a *corda*, a *roldana*, o *sarilho*, a *roda dentada*, *molienete*, o *guindaste*, o *cabrestante*, o *parafuso*, e a *cunha*.

Um feixe de fio de spartho, cairo, canhamo etc., constitue uma *corda*. Podemos facilmente puchar um peso, por meio de uma *corda*, caso esta seja bem tensa, porque só d'essa forma, esta poderá transmittir a esse peso, o esforço por nós empregado.

As cordas grossas empregadas nos navios denominam-se *cabos* ou *calabres*.

Fig. 12 — Roldana

Roldana. Dá-se este nome a uma roda circular movel em torno de um eixo. Parte da circunferencia da roldana é envolvida por uma corda *C P*, cujas extremidades são tiradas por duas forças *C* e *P*.

Um cylindro girando em torno de um eixo, ao qual se imprime movimento de rotação por meio de uma manivella, chama-se *sarilho* (fig. 13). Em torno do eixo, enrola-se uma corda a que se prende a *resistencia*, sendo a *potencia*, applicada á manivella.

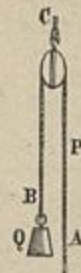
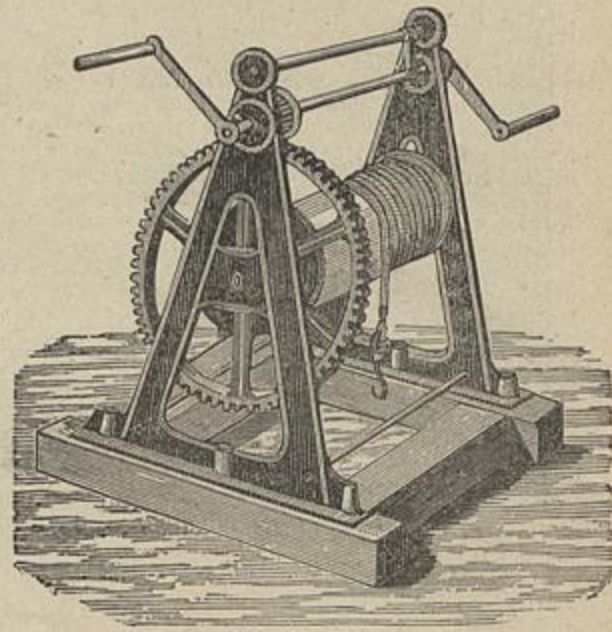



Fig. 13 — Sarilho

O sarilho de eixo vertical, diz se *cabrestante*.

Rodas dentadas. Compõem-se de uma serie de dentes egualmente espaçados, dispostos na *peripheria* de um circulo. São, em geral, empregadas nas machinas, combinando-se, e nunca uma só. As rodas não endentam umas nas outras mas sim em pequenos carretos que lhe são concentricos. Supponhamos que uma roda de 100 dentes, endenta no carreto de outra, composta de 10 dentes. Emquanto a primeira faz uma revolução completa, a segunda dá 10 voltas. Se esta segunda tem egualmente 100 dentes, e endenta no carreto de uma terceira com dez dentes, esta ultima dará 100 voltas emquanto a primeira dá uma unica e assim successivamente.

Um cylindro em torno do qual se enrola uma corda, a qual tem uma roda dentada que engrena com um carreto, a cujo eixo se liga uma manivella, tem o nome de *molinete* ou *guincho*. É, como se vê, uma combinação do *sarilho* com as *rodas dentadas*.

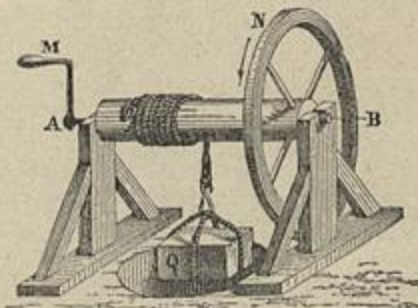



Fig. 14 — Molinete

O *guindaste* é uma machina composta de *sarilho*, *rodas dentadas* e *roldanas*

Parafuso. Consta de um cylindro onde se enrola uma espiral (rosca) movendo-se este, dentro de uma peça escavada tambem em espiral e egual á rosca (porca).

A *cunha* é uma peça delgada n'um dos extremos (gume) e mais larga do lado opposto (cabeça) servindo para dividir um corpo em duas porções.

Combinando varias machinas simples, poderemos obter o mais complexo dos apparelhos mechanicos. Occupar-nos-hemos de alguns d'estes apparelhos.

(Continua) *Antonio A. O. Machado.*

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

(Continuado do numero antecedente)

A caínçada da vizinhança, acorrendo ao alarido, ladravam á compita com o cão de Radnothy e o do jardineiro; o mordomo, todavia, que não incarava com bons olhos a lucta e cujo unico cuidado era defender a seu amo, de quando em quando, suspirava: Valha-nos Deus. Que sairá daqui?

— Não sairá coisa nenhuma, amigo mordômo, redarguia Radnothy esgrimindo com o sabre,— a não ser o recuperarmos os nossos campos, e dar aos outros um exemplo. Ponham-me na rua esse patife, e mais a mulher, os filhos e os moveis,— clamou virando-se para os combatentes.— Preguem com elle no olho da rua para escarneo do mundo! Aquelle que o expulsar dahi para fóra ficará sendo meu cliente, em seu logar.

— Vossa senhoria ainda se hade arrepender!— bramia o derrubado, amolgado e contuso jardineiro, erguendo-se de golpe e perfilando-se em frente de Radnothy:— vou-lhe armar um processo, deixe estar! E heide o pôr a pedir esmola, se não fôr parar com os ossos á cadeia!

— Quê?! Pois ainda te atreves a respingar, ladrão, salteador!— clamava Radnothy mandando-lhe uma espadeirada.

— Ai que me matam! Deixou-me a escorrer sangue, desgraçou-me para o resto da minha vida!— bramia o jardineiro com quanta força tinha, ufanando-se com o ferimento que recebêra no braço, e que, comquanto fosse grande, nem por isso era fundo; e deitou ás carreiras em direcção á aldeia, alvorotando os moradores, e enfiou em seguida pela porta do tabelião, a depor a sua queixa: este, metteu-o logo numa carroça, e assim mesmo, a escorrer sangue, enviou-o apresentar-se ao commissario do districto. E compareceu em pessoa a applacar os animos dos aldeões, que haviam já lançado mão dos forcados, a prol do jardineiro, os válacos; os madgyares em defeza de Radnothy.

— Bem dizia eu que isto acabava mal, commentava o mordômo,— dando pontoadas com o ancinho no tapume do cerrado.

— Que é que disse, então, senhor mordômo? Não disse coisa nenhuma, ou, se disse, foram asneiras! Que sairá daqui? O mesmo que saiu, ha vinte annos, de eu me haver apoderado de novo dos meus campos já lavrados e semeados com o auxilio dos meus serviçaes armados, e de haver injuriado e expulsado a gente do meu vizinho. Conheço a lei, não servi debalde o condado pelo espaço de vinte annos. Todo e qualquer membro da nobreza pode defender o seu vinculo, ainda que seja á custa de derramamento de sangue, e é por isso que cinge uma espada: ao proprio delegado do Condado lhe é licito aggredir, em dadas circumstancias. E não hade então expulsar um servo de um terreno que lhe pertence!

— Noutros tempos, assim era, ponderou ancioso o mordômo.

— Noutros tempos, noutros tempos! Tão virado está o mundo, que haja quem se atreva a contestar-me a posse do meu feudo? Extorquiram-me os meus servos, pois seja assim; pago tributos, Deus louvado! Mas sempre estou para vêr quem será o advogado que ousará intentar-me um processo sobre a posse do meu vinculo! Eu lhes ensinarei o que é direito e o que é torto, com um homem conhecedor da lei não se brinca facilmente.

Neste comênos ia sendo posto em estendal o recheio da casa do jardineiro. A jardineira estorcendo as mãos, maldizia a sua vida; que era ella a culpada, pois se houvera consentido ao seu homem que disparasse a escopêta, não o haveriam posto em tão misero estado, não estaria agora viuva, e orfãos os seus filhinhos; e em seu desespero implorava a compaixão do Estevam, o qual, com um restos da ternura de outros tempos se arvorou em protector da matrona e dos pequenos. Os outros andavam atarefados na faina de sacar para fóra de casa a mobilia; a Maria coxinha e a governante ia arrebanhando a tudo que havia sido roubado do solar. Dentro em breves minutos jazia empilhada na estrada toda a quitanda do jardineiro, com grande espanto dos aldeões, os quaes, armados de forcados, enchiam o terreiro da casa, mas, acatando as intimações do notario, abstinham se de qualquer manifestação hostil. Estendia um o pescoço escutando boquiaberto; outro, opinava que o commissario do districto, ainda antes do anoitecer, viria dar voz de preso a Sua Senhoria; exultava um terceiro pelo facto de haver o insolente do jardineiro encontrado pessoa que o ensinára; um quarto, soltando pragas de arripiar as carnes, afirmava que elle, sósinho, faria ir a toque de caixa aquella sucia toda lá do solar. As matronas confortavam a jardineira e escutavam-lhe atentas a tragica lenga-lenga, enclavinhando as mãos. Uma offerecia-lhe a casa como arca de Noé d'aquelle diluvio, outra, prontificava-se a ajudá-la a carregar com os tarécos; a terceira, esganiçando-se, adversava que devia de ficar tudo conforme estava, até que comparecesse o commissario do districto, a sentencear sobre o caso. Numa palavra, ia um reboliço por toda a aldeia; na testada de cada casa, ladrava, pelo menos, um cachôrro e, em cada soleira de porta, choramingavam pelo menos, três indêzes.

Radnothy quasi que nem escutava a tão variadas opiniões, bastava-lhe a convicção de que os moradôres reconheciam a sua supremacia e assistiam passivos aos seus actos. Dirigiu ás turbas uma allocução, annunciando-lhes que, doravante, procederia do mesmo modo para com todo e qualquer colono rebelde, e após de haver instaurado solemnemente na sua readquirida propriedade o seu criado grave, triunfante poz-se a caminho da mansão e foi almoçar.

Decorridos uns minutos depois destes acontecimentos, eis que invade a aldeia um trôço de gendarmes. Foi communicada ao notario ordem de reintegrar o expulso jardineiro em seus lares, e de lhe defender os direitos, até que o pleito entre elle e o seu suzerano obtivesse decisão por parte do tribunal; e devia, outrosim, entregar aos gendarmes quantos haviam concorrido a alterar o socego publico, e abrir immediatamente uma devássa no sentido de verificar se tinham ou não armas escondidas. Não tardou o solar em acharse cercado pelos gendarmes. Procedeu se a uma severa pesquiza e os gendarmes encontraram o proprio sabre de Radnothy; levaram prêsos os criados deste, pelo facto de o haverem auxiliado naquelle seu acto de prepotencia, e intimaram o proprio fidalgo a que mandasse atrelar a carruagem e se dispuzésse a acompanhá-los.

— Ouvi e compreendi; e protesto contra semelhante violencia, perorava Radnothy, e entrementes, segundo o seu antigo sestro em conjunturas taes, brandia o bastão; soffrer-lhes-ão as consequencias, protesto e repillo a execução. Ouviram o meu protesto; intimo-os a que se ausentem dos meus dominios.

Os gendarmes não percebiam em todo aquelle discurso uma palavra e olhavam para elle espantados.

— Retiram-se ou não? insistiu Radnothy com dupla intimativa, ignoram acaso que é sagrado o solar de um nobre? Pode chover-lhe dentro, o vento assobiar-lhe pelos corredores, o raio fender-lhe as paredes, mas nenhum ente humano deve atrever-se a transpor-lhe os umbraes, ainda que seja o proprio rei, a não ser como hospede, e nessa conformidade, recebê-lo-ei de braços abertos, dar-lhe-ei hospedagem, e, em caso de necessidade, derramarei por elle o meu sangue. E se o ignoravam, ficam-no agora sabendo.

Estupefactos, os gendarmes pediam instrucções ao tabellião, e este assistia á scena perdido de riso, e explicou-lhe, depois, que aquelle dignissimo cavalheiro adormecêra, dois annos havia, e que ainda não accordára, considerando se, como outrora, membro de uma classe privilegiada.

— Pela ultima vez lh'o repito, afastem-se d'aqui, vociferou Radnothy no ácume da irritação; não se prende um nobre quando não seja colhido em flagrante delicto, que assim o preceituam as nossas leis, e não ha poder neste mundo competente a derogar essas leis, um nobre só pode ser julgado pelos seus pares; citem me, se assim lhes compre, perante um tribunal constituido, comparecerei; o Conselho conhece-me, não sou homem que me acobarde, tenho posses sufficientes para sustentar durante um cento de annos uma demanda. E eu, uma vez por todas, protesto energicamente contra semelhante procedimento; e façam-n'o constar a quem competir. Intenderam?

— E agora, retirem-se.

O mordomo fazia o possivel no sentido de aplacar o amo, este, porem, perorava com fogo tremendo pretendendo levar as coisas ao extrêmo. Foi-se acalmando, porem, a pouco e pouco, devido á circumstancia de ter podido desabafar, e cedeu, por fim, quando um gendarme, por formalidade, lhe poz a mão no hombro: aproveitou o ensejo para emitir o seu protesto contra aquelle acto de violencia, tornando responsavel o gendarme por aquelle passo, e emprazando os circumstantes a servir-lhe de testemunhas, em tempo competente, de semelhante attentado contra o seu feudo e a sua nobre pessoa. E não disse mais palavra; taciturno, subiu para a carruagem, e com um gesto digno indicou ao gendarme um logar a seu lado, como se este houvesse de o acompanhar unicamente por concessão sua; ao ver, porem, os seus adtrictos apontar malévolos a dedo a carruagem, a seus proprios olhos, a jardineira reintegrada nos proprios lares, a Maria coxinha a correr aos tropeções atraz da carruagem, chorando e carpindo, até aos confins da povoação, e a sua casa, aquella sua fidalga mansão, para elle tão estremecida, a despeito ainda da propria ruina, a afastar-se mais e mais na distancia, principiou a tossir, em resultado do seu catárro, provavelmente ou, talvez, quem sabe se para encobrir a expansão da magua que lhe pungia o coração!

Semelhante peripecia deu assumpto a infindos commentarios por parte dos que ficaram na mansão.

O mordomo repetia sem cessar á governante:

— Não lhe dizia elle que assim viria a acontecer? E agora tinha que admitir trabalhadores, e aonde iria buscar o dinheiro para lhes pagar? E era urgente encetar trabalhos, e elle sem ter de quem lançar mão! E quo se os negocios da casa fossem todos agua abaixo, não seria elle o culpado. E a governante, assentando a mão na ilharga, perguntava para quem havia de ella agora cozinhar? Se ao menos não tivessem catrafilado o cocheiro, coitado! E a lagrimejar revoluteava no dedo um anel de pichebéque, prenda que o cocheiro lhe trouxera da ultima feira.

(Continúa). *M. Macedo (Pin-Sel)*

O MEZ METEOROLOGICO

Janeiro, 1903

Maxima altura barometrica em 26 — $774^{mm},9$.
Minima » » em 9 — $748^{mm},2$.
Maxima temperatura em 10 — $16^{0},4$.
Minima » em 14 — $2^{0},7$.

Os dias em que a temperatura desceu abaixo de 5^{0} foram: em 13, 14, 15, 18, 23 e 29.

Os dias em que a temperatura não subiu acima de 10^{0} foram: em 18 com um maximo de $7^{0},3$ e em 23, com um maximo de $9^{0},6$.

De 18 a 30, as temperaturas minimas oscillaram sempre entre 5^{0} e 7^{0}.

Ventos dominantes:
SW de 1 a 4 — NE em 5 e 6.
SE de 7 a 10 — NW em 11 e 12.
NE de 13 a 19 — NW em 20 e 21.
NE de 22 a 30 e N em 31.

Chuva recolhida durante o mez $106^{m},8$ dividida em 12 dias (1, 2, 3, 6, 8, 9, 16, 18, 19, 20, 23 e 30).

No dia 6, a chuva foi de $52^{m},0$ acompanhada de grande trovoada e graniso.

Em 20, recolheram-se no pluviometro $22^{m},3$.
Nevoa em 10, 12, 18, 19, 22 e 23.
Halos da lua em 11 e 13.
Estado do céu: Bom tempo, 11 dias; nublado, 17 dias; encoberto, 3 dias.

NECROLOGIA

MARQUEZ DE FRONTEIRA

Completo, verdadeiro typo do fidalgo velho portnguez era o Marquez de Fronteira, ha pouco fallecido em sua casa de Bemfica.

Lhano, fino, amavel de exterior insinuante, era uma das raras, distinctas figuras da alta sociedade portugueza. Áquelle exterior, que já tanto se impunha, correspondiam as mais puras qualidades do coração.

O Marquez de Fronteira era um artista; amava com extremos a musica e as rosas que faziam de seu jardim um dos mais bellos de Lisboa.

Pedro João de Moraes Sarmento era filho do Visconde de Torre de Moncorvo e nascêra a 27 de Dezembro de 1829. Em 12 de maio de 1856 casou com D. Maria de Mascarenhas, filha unica do Marquez de Fronteira e Alórna, de quem foi herdeira de todos os bens e titulos.

O Marquez de Fronteira era par do reino e camarista de El-rei D. Carlos, depois de o haver sido de El-rei D. Fernaado. Foi provedor do asylo de D. Maria Pia, secretario de legação e presidente d'uma commissão administractiva da camara de Lisboa.

Foi um dos fundadores e directores da Real Academia de Amadores de Musica.

Deixa algumas composições de muito valor.

O lucto que veste a maior parte da boa aristocracia de Portugal, trazem-o em tão seu coração quantos conheceram esta bella alma a quem Deus conceda a paz.

MARQUEZ DE FRONTEIRA

FALLECIDO EM 10 DO CORRENTE

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos :

Cheias de graça (*Poema dos meus amores*) *por Ladislau Patricio — Coimbra 1902*—Ainda no nosso numero 857 nos referimos aos seus versos *Azul celeste*, e já hoje temos outro registro a fazer de um trabalho d'este novel poeta, em que o seu promettedor talento apparece não menos scintillante em cada pagina que abrimos.

O auctor dedica o delicado poema a suas irmãs, manifestando-se em todo elle a saudade nostalgica d'esses primeiros companheiros que nós somos obrigados a abandonar para nos fazermos homens, deixando o ninho confortavel onde ficaram esses primeiros e sinceros amigos — os paes e os irmãos,—para nos começar despindo das dôces illusões da vida.

Eis uma amostra d'esse trabalho:

—«Ó minha boa mãe! ó minha Santa!
És a haste aprumada a que se enlaça
Um ramilhete branco que me encanta:

Tem toda a suavidade, e toda a graça
Das minhas cinco Irmãs, em um *bouquet*,
Que a Virgem Mãe de Deus nos mande e faça

Cinco lyrios brotando d'um só pé,
E cada lyrio tendo cinco folhas,
E cada folha um coração com fé!»—

CAMBIO, PAPEIS DE CREDITO E LOTERIAS

DE

VIERLING & C.ª L.da

44, Rua do Arsenal, 46 — 1, Esquina do Pelourinho, 3 — LISBOA

Esta casa compra e vende sempre pelos melhores preços do mercado ; todas as moedas nacionaes e estrangeiras em ouro prata e cobre. Todas as notas dos Bancos de Hespanha, França, Inglaterra, Allemanha, Italia, Austria, Hollanda, Suecia, Noruega, Belgica, Suissa, Russia, Estados-Unidos da America do Norte, Brazil, Republica Argentina, Africa do Sul, etc. Sacca sobre todas as principaes praças de Hespanha e mesmo sobre muitas povoações pequenas. Desconta todos os juros nacionaes e estrangeiros vencidos e a vencer. Compra saques sobre o estrangeiro. Compra e vende inscripções e obrigações do Estado, acções de bancos, acções e obrigações de Companhias e fundos hespanhoes. Sacca e desconta letras sobre o Porto, Coimbra e diversas outras terras do paiz. Satisfaz com a maxima promptidão todos os pedidos de loterias que venham acompanhados das suas respectivas importancias.

ENDEREÇO TELEGRAPHICO — STERLING — *LISBOA*

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

ATELIER SILVA NOGUEIRA

PHOTOGRAPHO DE SS. MAGESTADES

Operações com as melhores machinas de CARLOS RELVAS

Retoques primorosos, executados pelos *dois irmãos SILVA NOGUEIRA*. Optima luz, dando aos retratos a completa semelhança do modelo. Trabalhos em *platinotypia* e outros processos modernos — Preços modicos.

LISBOA — 18, RUA DE D. PEDRO, V, 20 — LISBOA

Succursaes em Faro, Caldas da Rainha e Nazareth

Albuns para bilhetes postaes illustrados

Chegou grande sortimento e variedade á casa Martins, praça Luiz de Camões, 35, Lisboa. Albuns para 100, 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900 e 1:000 bilhetes illustrados.

Bilhetes postaes illustrados

Edição Martins. Os mais perfeitos e baratos do paiz e superiores aos estrangeiros. Duzia 200 réis e 100 por 1$500 réis. Ha TREZENTAS variedades para escolher. Monumentos, panoramas, edificios notaveis, costumes de todo o paiz, etc.

Patisserie Benard

Rua Garrett, 104 — LISBOA

BRIOCHES — CROISSANTS

todos os dias ás 9 horas da manhã

TOMAM-SE ENCOMMENDAS

CASA ELDREDGE

Chegaram a esta antiga casa 2 automoveis «Motor Dion» da força de 6 cavallos cada. Ha em deposito — Mottocycletas de 1 ½ e de 1 ¾ cavallo de força. Esta ultima machina é o que presentemente melhor se fabrica. Bycicletas e accessorios dos melhores auctores e systemas.

A séde provisoria é na RUA IVENS, 66 e 68

LISBOA

CENTRO PHOTOGRAPHICO DE LISBOA

Marçal Pacheco

Praça de Luiz de Camões, 31 e 32 e R. do Norte, 1 e 2

(CASA FUNDADA EM 1885)

Grande sortimento de material photographico, por grosso e a retalho, para photographos e amadores. Revellam-se clichés e pelliculas.

Tratado de photographia theorico e pratico, illustrado. Edição quasi esgotada. Preço 1$600 réis. Para a provincia 1$700. Papel Marion n.º 515, ferro prussiato, com 0,75 de largo, por 10 metros de comprido. Preço 2$400 réis. Para revender 10 % de desconto, em quantidade não inferior a cinco peças.

Papelaria Ferreira

PAPEIS NACIONAES E ESTRANGEIROS

ARTIGOS PARA DESENHO E ESCRIPTORIO

NAVALHAS PARA BARBA, CANIVETES E RASPADEIRAS «RODGERS»

137, RUA AUGUSTA, 139

LISBOA

Armazem de Musicas e pianos de MATTA JUNIOR

112, Rua Garrett, 114 — LISBOA

Pianos dos melhores auctores francezes e allemães. Orgãos francezes e americanos. Pianos americanos por encommenda. Instrumentos para banda, fanfarra, orchestra e tunas. Musicas nacionaes e estrangeiras. Cordas e accessorios para todos os instrumentos.

Encarrega-se de concertos de pianos, por preços reduzidos. Trabalhos garantidos, sob a direcção do ex-mestre da fabrica Herz, expressamente contractado para esse fim.